

A escuta do Oriente – o método psicanalítico em ação

Luciana Saddi

Resenha de Fabio Herrmann, *Anotando a China: viagem psicanalítica ao Oriente*. Edição crítica de Fernanda Sofio (Org.). São Paulo, Unifesp, 2019, 198 p.

O livro *Anotando a China: viagem psicanalítica ao Oriente* é obra complexa em si mesma, de gênero híbrido. Permite múltiplas formas de leitura, justapostas e não excludentes. No prefácio, de Leda Herrmann, é apresentada a história do livro. A “Introdução: A China fala”, de Fernanda Sofio, traz a leitura crítica da obra. O livro propriamente dito, *Anotando a China: viagem psicanalítica ao Oriente*, de Fabio Herrmann, em que a palavra “viagem” ganha dimensão psicodélica e reafirma a vocação da psicanálise em tornar possível a criação de novos sentidos, vem em seguida. A edição é complementada por três excelentes ensaios, seminalmente ligados, da lavra de Renato Tardivo, Lilia Moritz Schwarcz e Pedro Meira Moreira.

Ao leitor cabe escolher qual tipo de leitura deseja fazer. Uma leitura virgem, quando se lê inicialmente a parte escrita por Fabio. Uma leitura com preliminares, na qual se acrescentam prefácio e introdução antes da parte fundamental. Ou

com pós-liminares, ensaios consideram afinidades temáticas ao livro de Herrmann, posteriormente. Cada leitor realiza o próprio percurso, como desejar; as partes são compostas separadamente e não obrigam o leitor a nenhum roteiro pré-definido. E, em se tratando de viagem, é sempre bom contar com certa surpresa. Os roteiros abertos satisfazem melhor os viajantes como eu, que tiveram contato primeiro com o coração do livro e deste puderam extrair admiração.

Caso opte por ler a crítica de Sofio, “Introdução: A China fala”, note que o título remete à escuta do analista: afinal, o paciente fala. O incessante trabalho de Fabio Herrmann como analista da cultura, ao caminhar na trilha aberta por Freud e cultivar o método psicanalítico, escutou e fez a cultura *falar*. E é assim que a China fala. Sofio, por sua vez, oferece muito mais que visão crítica do livro, feito por si só memorável e que a coloca dentre as principais estudiosas da Teoria dos Campos e referência fundamental para a compreensão da obra de Herrmann. Sofio não apenas introduz o leitor, com suavidade e firmeza, à última obra de Herrmann, mas também o transporta para o interior da Teoria dos Campos – era assim que Fabio denominava seus achados a partir da perspectiva metodológica. É como ganhar um brinde, ao adquirir o livro, e o brinde fosse tão valioso quanto o objeto adquirido. Além da excelente análise realizada por Sofio, os principais conceitos do pensamento psicanalítico de Herrmann são revisitados com vivacidade e em linguagem simples. E poderiam compor, com certeza, um dicionário da Teoria dos Campos (ainda não escrito), tal a facilidade de transmissão de conhecimento da autora.

Outra variação bastante explorada na Introdução de Fernanda Sofio é compreender o *Anotando a China* como a materialização última do pensamento metodológico, psicanalítico, ficcional e fenomenológico de Herrmann. Evolução de *A infância de Adão* (2002)¹, livro de contos psicanalíticos. A imaginação de Fabio não conhecia limites. Pela sua arte, gêneros e subgêneros vieram ao mundo. Teoria psicanalítica e metodológica, interpretação crítica da psicanálise, contos, novos

1 F. Herrmann, F. *A Infância de Adão e outras ficções freudianas*. São Paulo, Ed. Casa do Psicólogo, 2002.

Luciana Saddi é psicanalista e escritora. Membro efetivo e docente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Mestre em Psicologia pela PUC-SP. Diretora de Cultura e Comunidade da SBPSP. Autora de *Educação para a morte* (Ed. Patuá). Coordenadora da série *O que fazer?* (Ed. Blucher) e coautora do livro *Alcoolismo – série o que fazer?* (Ed. Blucher). Representante do movimento Endangered Bodies no Brasil. Fundadora do Grupo Corpo e Cultura.

conceitos e formulações provenientes do contato de Herrmann seja com o mundo cotidiano, a fenomenologia ou antigo Egito. Com sua criatividade as ideias brotavam e exigiam amplo reconhecimento em diversas categorias a um só tempo. Essa talvez seja a principal vocação da psicanálise: existir como corpo conceitual, história, método, técnicas e múltiplas formas de atendimento clínico, desde a tradicional dupla analista e paciente até arranjos menos ortodoxos; ser tudo isso e algo mais, e ao mesmo tempo, escrita, sonho, imagem, criação de sentido e mistério. Composição de muitas camadas e múltiplas interpretações. O *Anotando a China* é, portanto, transcendência, ruptura de campo, poesia e viagem psicanalítica.

É também o último livro de Herrmann. Ofereço, agora, minha leitura, dentre tantas possíveis. Foi organizado em meio à sua própria agonia. Agonia de se saber acometido por doença incurável. Agonia nascida da consciência da passagem do tempo. É o tique-taque a martelar continuamente. São as horas que escapam e a escuridão que se aproxima.

Os sofrimentos físico e psíquico pelo tempo que rapidamente falta a Herrmann estão presentes de maneira indelével nesse livro raro. A morte é matéria principal, embora tenha sido ocultada em versos e imagens do livro, em que o autor preferiu dar testemunho de vida e de viagem; de escritor e psicanalista; de artista gráfico e poeta; amante e amado da querida companheira de vida e viagens. É prova de vida – talvez todos os livros materializem a insistência na vida; é prova de vida derradeira, de quem se agarra ao galho frágil sobre o abismo. Nos últimos instantes, o que sobra de nós? Um sopro, um gemido ou o testamento de bens? O que deixar para quem?

Anotando a China é o testamento de Herrmann. É *ontos*, ente, ser. É relato de viagem, psicanálise, poesia, grafismo, notas, pensamentos bem-acabados, rabiscos de ideias e despedida. Ultrapassa gêneros. Híbrido que faz do leitor testemunha da vida, do homem, psicanalista e escritor. Do artista que deseja com volúpia engolir o mundo num único trago e devolvê-lo aos que aqui ainda permanecem. O livro é formado por deliciosas sandices,

olhar inteligente, cultura clássica, preciosidades genéricas e gostos variados. Chistes e versos. Textos e grafismos. Apresenta a China e o Japão vistos por Herrmann. Tem caráter absolutamente pessoal, embora não seja apenas pessoal. Traz pensamentos psicanalíticos sobre o Oriente e pensamentos à toa, recolhidos com originalidade. Há imagens, poemas, histórias. Discorre sobre e fala do mundo, no entanto, logo se percebe que o livro é o próprio escritor. Ao se apresentar e se oferecer à sociedade como jovem debutante ou rapazinho no barmitzva, Fabio Herrmann vai além. Faz dessa breve e criativa brincadeira o seu legado. Do final, o começo. Nó no tempo, entrelaça nascimento e morte.

Livros sobre psicanálise e contos psicanalíticos não foram suficientes, Fabio precisava mais. Dar mais de si, se dar por inteiro, sem amarras, sem as limitações dos jargões, conceitos e livros de psicanálise, para ir além da própria obra e pensamento psicanalítico. Continuar nos detalhes de sua visão de mundo. Continuar. Não apenas eternizar o pensamento, mas sobreviver a si mesmo. No mais genuíno desejo de eternizar o homem, na vaidade da imortalidade, a morte infiltra-se sorradeira pelo livro. Como aranha, o tece e faz nascer o livro testemunha e testemunho do autor.

Acompanhei como leitora e psicanalista a obra de Fabio Herrmann. Fiz supervisão com ele, grupos de estudos e fui orientanda por ele no mestrado. Apreciava desfrutar de sua companhia e de seu humor. Aprendi com vagar a compreender a importância da Teoria dos Campos para a psicanálise. Alimentei-me dessa fonte e de sua liberdade criativa. Tive a oportunidade de receber de suas mãos o *Anotando a China* e a missão de editá-lo. Há quase quinze anos atrás fracassei. Mesmo ciente de ter em mãos uma preciosidade, algo ímpar, não logrei obter reconhecimento das qualidades do *Anotando* da parte dos editores. Escrever essa resenha remove um peso dos ombros, assim como satisfazer o desejo do mestre querido.

Referência bibliográfica

Herrmann F. *A infância de Adão e outras ficções freudianas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.